

4 RESULTADOS

A nostalgia foi além da simples descrição de um prato em especial neste estudo. O contexto e as pessoas envolvidas nos momentos descritos, foram importantes tanto quanto a própria comida. No relato, é a experiência vivida que desperta a nostalgia (HOLBROOK e HIRSCHMAN, 1982).

Observou-se ainda que a descrição da elaboração dos pratos, o porquê de seu preparo, quem os preparou, as refeições e as datas especiais, levou os entrevistados a uma viagem no tempo, apontando predominantemente para a lembrança de momentos prazerosos (HOLBROOK e SCHINDLER, 1991).

Holbrook e Hirschman (1982) chamam a atenção para os aspectos relativos à experiência vivida no consumo, ressaltando a importância do significado simbólico das características mais subjetivas dos eventos, como a satisfação, a nostalgia, a sociabilidade e os momentos em família.

Neste estudo, a saudade da comida manifesta-se de duas formas: é em função do prato que as pessoas se reúnem ou a reunião de um grupo de pessoas, leva ao preparo de um prato. Em casa ou fora dela, com a família ou um grupo de amigos, em um período específico da vida, a comida projeta importantes pistas não-verbais que só podem ser detectadas, se experimentadas (HOLBROOK e HIRSCHMAN, 1982).

Os resultados apresentados dividem-se em 6 classificações. A fim de fornecer uma visão geral de como os resultados se apresentam, o desenho mostrado a seguir contempla além das classificações, as sub-divisões que as detalham. Por fim, cada classificação é iniciada por uma ou mais afirmações do Índice Nostálgico de Holbrook (1993), na tentativa de estabelecer uma ligação com o referido trabalho.

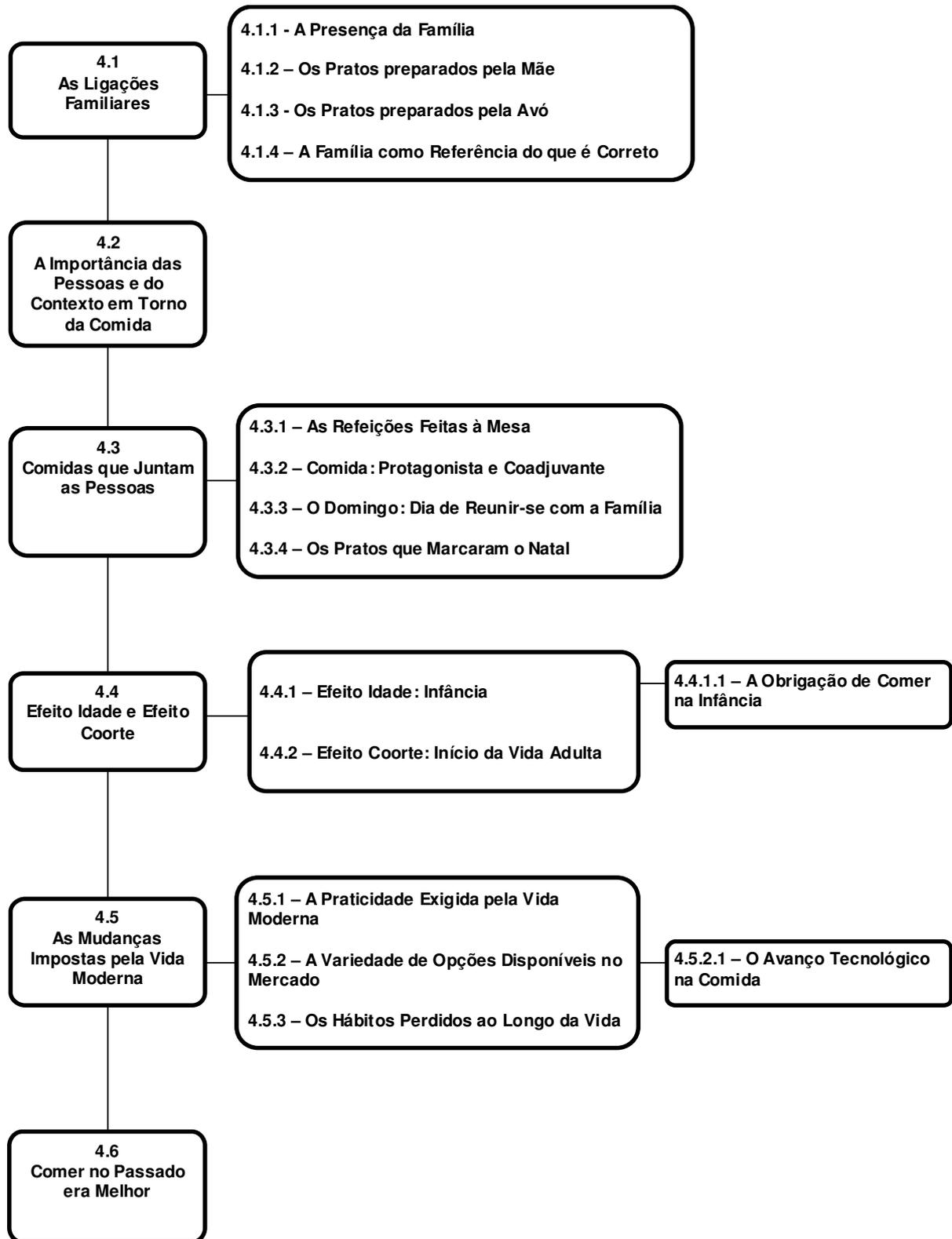


Figura 3: Classificação dos resultados

4.1. As Ligações Familiares

**“Às vezes, quem me dera poder voltar para o útero”
(Holbrook, 1993)**

A família apareceu nas respostas de forma recorrente (item 4.1.1). Os relatos vão além da descrição da comida, sendo o contexto e as pessoas envolvidas, também importantes. Tem-se saudade do tempo em que família comia junto.

Aqui a família é descrita nos moldes tradicionais (item 4.1.1). Aparecem as figuras paterna e materna, cujos papéis sugerem ser o de provedor e de “do lar”, respectivamente (REINCHEMBACH, 2004). São eles, a mãe em especial, que definem a comida que será servida e, ainda que o menu não seja do agrado do entrevistado, o momento como um todo é lembrado de forma positiva (MINTZ, 2001). Releva-se, inclusive, as pequenas brigas domésticas.

As figuras femininas, representadas pela mãe e pela avó, ganham destaque na história pessoal dos entrevistados (itens 4.1.2 e 4.1.3). Seus ensinamentos e a forma como preparavam os alimentos são relatados de forma detalhada e especial, reforçando a observação de que as pessoas e o contexto influenciam na forma como descrevem suas lembranças (MACIEL, 2001).

A nostalgia em relação à comida e vinculada à família passa também pelos hábitos adquiridos em casa (MINTZ, 2001). Comparado às práticas atuais, os ensinamentos dos pais são um exemplo e, para os entrevistados, atitudes que devem ser perpetuadas (item 4.1.4).

4.1.1. A Presença da Família

Os trechos de entrevista selecionados, caracterizam-se pelo envolvimento de mais pessoas da família em seus relatos, além do próprio entrevistado. Da estrutura familiar tradicional descrita por eles fazem parte o pai, a mãe e os irmãos. Identifica-se um sentimento nostálgico em relação aos momentos vividos em família (MINTZ, 2001).

Roberta, 33 anos, é casada e mora com seu marido e um filho. Diz que sente saudade do tempo em que sua família se reunia **(a)**. Suas lembranças são predominantemente da infância, quando morava com seus pais e suas irmãs. Em seu relato aparecem, dentre outras coisas, as “bobagens” do dia-a-dia **(b)** que, na época poderiam levar a pequenas brigas domésticas, mas que aqui são relembradas num tom de graça e descontração.

“A gente sempre almoçava junto **(a)**... eram momentos de contar quem tinha mais batata frita; quem tinha mais, quem tinha menos **(b)**... era divertido, porque Renata (a irmã) era sempre a mais gulosa, né (risos)? Então se algum dedo de batata frita caísse a mais pra alguém, Renata levantava (e gritava) “Mãe, para tudo! Conta, que ela tá com mais!”... o bife dela era sempre o maior, porque ela era mais velha (risos). Então era muito divertido **(b)**... era uma coisa engraçada; a gente comia, normalmente, vendo televisão, mas era a hora que a gente se encontrava, conversava **(a)**”.

Também em tom de descontração, Cristine, 42 anos, descreve um momento em que se junta com seus irmãos para debochar de sua mãe. Ela morou boa parte da vida numa cidade do interior e era habitual almoçar em casa com sua família **(a)**. Em sua entrevista, a macarronada da mãe foi o prato marcante de sua infância (item 4.4).

“A gente até brinca **(a)** com ela: ‘mamãe, faz aquela macarronada com sola de sapato **(b)**?’ (risos)... a gente nem comia os bifos mas o molho... ficava com um sabor que está me dando água na boca”.

O almoço **(c)** aparece como uma refeição importante para reunir a família e tratar de assuntos domésticos ou do dia-a-dia (REINCHEMBACH, 2004). A refeição é o tema central, mas o contexto e as pessoas são tão ou mais importantes que a comida (MINTZ, 2001). Domingas, 66 anos, é do Maranhão e morou boa parte da vida longe da casa dos pais. Nas férias os encontrava e sua entrevista reflete um sentimento positivo em relação aos momentos em que estiveram juntos. Quando a entrevistada diz “na minha casa”, refere-se à casa de seus pais. Não há registro de momentos marcantes vividos pela entrevistada relacionado à casa em que morava, reforçando a idéia da importância da família na nostalgia.

“Geralmente se comia esse bolo com café... na minha casa era eu, meu pai e minha mãe. Quando eu tava de férias, que ia fazer esse bolo, eu fazia, cortava, comia, tomava meu café e deixava o resto lá pros outros...”

reunião em família era na hora do almoço (c), na hora do jantar... isso tinha".

A figura paterna é a do provedor ou de uma pessoa de destaque na estrutura familiar (d). A mãe exerce um papel voltado ao bem-estar deste pai e de seus filhos (e). Tal fato sugere certa hierarquização das relações familiares num tempo em que tudo girava em torno da figura do pai. É da entrevista de Cristine, o exemplo a seguir:

"No almoço, meu pai abordava problemas da fábrica (d) e... mas todo mundo, às 11 da manhã, tinha que estar à mesa, porque meu pai chegava da fábrica (d), e fábrica tem horário, e todos sentávamos à mesa.

Roberta também coloca a questão da importância da presença do pai na hora do almoço. Assim como para Cristine, suas lembranças de momentos ou comidas marcantes estão associados à infância (item 4.4).

"Eu comia com a família; a gente sempre sentou pra almoçar junto... e final de semana mamãe sempre fazia questão que papai (d) sentasse pra almoçar junto.

Nota-se que as brigas e desavenças familiares não são ocultadas pelos entrevistados. No entanto, na forma como relatam o momento vivido, predomina o prazer de estarem em família (e). Joaquim, 43 anos, vem de um família grande e em sua lembrança, tudo entre eles era motivo para celebrar. Segundo ele, em sua casa matava-se porco, colhia-se verdura na horta e tudo era preparado para festejar algum evento.

"Só a família quando se reunia, já era uma festa (e)!"

"Nossa família é imensa: nove irmãos. E lá em casa tinha televisão! (risos). E meus pais não se davam bem (risos)... comíamos tudo que você pode imaginar... cabeça de porco... meu pai era nortista, as comidas eram carregadíssimas. Eu hoje não como essas coisas mas vira-e-mexe, assim, se eu estou passando num lugar que tenha... uma Feira de São Cristóvão da vida, eu caio dentro mesmo".

"Matávamos (um porco) e rolava Churrasco (e), Angu à Baiana, rolava o que tivesse... um Pernilzão assado maravilhoso, que a minha mãe cozinhava bem demais".

A lembrança detalhada (**f**) da comida e do momento vivido é uma viagem no tempo. Cada detalhe parece ser importante para descrever um sentimento de satisfação, ainda que se trate de uma comida rotineira. Na entrevista de Guilherme, 31 anos, este aspecto é notório. Os momentos marcantes remetem à sua infância (item 4.4) com os irmãos e transparece o carinho de sua mãe no preparo do alimento (item 4.1.2).

“Hum... queijo quente! Adorava... queijo quente e fruta, sempre. Minha mãe sempre deixava um mamão descascado, com granola, sempre comia uma fruta, um pão e um leite (f). Era um clássico! Era muito engraçado, porque ela já deixava um queijo quente, já todo armadinho, no grill, aí a gente acordava, ligava o grill e ia se arrumando. Quando a gente já saía, tava aquele queijo quente prontinho. Aí comia o queijo, o café... (**f**)”.

P₁ - As refeições em família contribuem para que aflore nas pessoas, um sentimento nostálgico.

P₂ - A estrutura familiar é importante na formação dos momentos nostálgicos.

P₃ - Os momentos nostálgicos da infância em relação à comida, ocorrem predominantemente dentro de casa.

4.1.2. Os Pratos Preparados pela Mãe

Os entrevistados pertencem a gerações em que o papel da mãe estava fortemente vinculado à imagem de “do lar” (REINCHEMBACH, 2004). Ela não só escolhia o cardápio da família, como era percebida pelos respondentes como uma pessoa que dedicava um carinho especial à elaboração da comida.

O relato de Roberta exemplifica este aspecto. A entrevistada confere à mãe todo o crédito pelo sabor da comida (**g**). Segundo ela, é o amor colocado na elaboração da comida que dá a ela, um sabor especial. E fala disso em tom poético e saudosista.

“Risoto de Frango (pratos comuns na infância). Frango assado... é uma lembrança boa porque toda comida que mamãe faz é gostosa (g). Não tem nenhuma comida que a mamãe faz que eu não goste (g)”.

“Tem várias comidas de mamãe que eu sinto saudade, depois que eu casei...comida feita pela mãe tem sempre muito carinho (g)... eu via o jeito que ela fazia... ela bota muito amor (g), ela sempre fala que tudo que ela cozinha fica bom, porque ela bota muito amor... eu acredito nisso também... então a gente sente esse carinho (g) e por isso a gente sente esse prazer em falar em comida. A comida aqui em casa não é tratada como um coisa corriqueira; de obrigação. É um prazer”.

Aparentemente as gerações dos entrevistados tiveram suas mães presentes em casa e atuantes na elaboração da comida (h). A importância do prato feito pela mãe vai além do sabor. Nota-se um prazer ao falar da comida, mesmo que simples em seu preparo (i). A seguir, um relato de Cristine:

“O mais comum e que eu mais gostava (na infância) era uma macarronada, que minha mãe fazia (h) e ela fazia... ela primeiro fritava os bifês e depois em cima destes bifês ela colocava um molho de tomate muito gostoso (i)”.

As pessoas sentem saudade de momentos que não podem ser reproduzidos (j). A mãe de Maria, 50 anos, é falecida e as lembranças da entrevistada estão relacionadas às comidas elaboradas por ela.

“Minha mãe sempre foi de fazer aquele trivial tipo feijão, arroz, carne assada, ensopadinho. Adoro Ensopadinho!... eu só sei comer o feijão que a minha mãe faz (j). É maravilhoso!”.

P₄ - As comidas preparadas pela mãe e pela avó na infância despertam a nostalgia.

P₅ - O sabor da comida da infância é sempre bom nas lembranças nostálgicas.

4.1.3. Os Pratos Preparados pela Avó

Assim como acontece com as comidas feitas pela mãe, as comidas feitas pela avó, remetem os entrevistados a lembranças positivas. Ela aparece como uma figura cuja presença, mantém a família unida (l). Não há registro nesta pesquisa, de lembranças positivas após a sua morte; sua ausência, por vezes,

passa a não justificar mais os encontros familiares **(m)**. Murilo, 41 anos, demonstra isto em seu discurso:

“Todo mundo ia pra lá, todo mundo comia na mesa. 20, 30 pessoas, cada família levava um prato diferente. Frango recheado, assado, várias coisas. A vovó fazia sempre uma macarronada. Era o prato principal. Fora o vinho. E depois que minha avó veio a falecer, deu uns 4, 5 anos, o pessoal se distanciou um pouco **(m)**... A avó reunia a família **(l)**”.

A entrevista de Murilo foi marcada pelos momentos que não voltarão mais. Predominaram em seus relatos, as comidas preparadas por sua avó e bisavó, falecidas, e pela presença da família dos vizinhos **(n)**. As lembranças positivas descritas pelo entrevistado envolvem muitas pessoas, muita comida e recebem um tom de confraternização ou compartilhamento **(o)**.

“Aí é da minha bisavó que era do Norte (o prato de que sente saudade)... Fazia muito Sarapatéu... tinha uma criação de porcos, aí matava e fazia tudo fresquinho. Minha avó, quando ela fazia frango recheado, a vizinhança sentia o cheiro, ia almoçar... **(n)** me lembro como se fosse hoje, eu era moleque (item 4.4), ela ia pra feira dos Paraíbas em Caxias, matava o frango em casa, depenava todo, assava, aí a vizinha sentia o cheiro... ‘Dona Regina ta fazendo frango!’. Aí era 3 frangos: 2 pra família e 1 pra vizinhança **(o)**.”

Maria também se recorda com saudade de um prato feito por sua avó. É mais um exemplo de uma comida e de um momento que não poderá ser reproduzido, uma vez que sua avó é falecida **(p)**.

“Engraçado que a única recordação que eu sinto falta é que minha avó fazia uns bolinhos, aquilo era da cabeça dela **(p)**, que ela fazia uns bolinhos todo final de tarde... Nossa! Aquilo eu nunca mais consegui comer igual“**(p)**.”

Não existe rivalidade entre os pratos preparados pelas duas figuras femininas em destaque na família: a mãe e a avó. À matriarca é destinado um lugar especial; suas receitas são sempre relatadas como saborosas e, por vezes, impar **(q)**. Relato de Murilo:

“O frango que a minha avó fazia, ninguém hoje faz, nem minha mãe consegue fazer **(q)**”.

As visitas espaçadas à casa da avó, tornam os encontros especiais **(r)**. Os pratos são preparados para agradar a família **(s)**. A comida é tratada como um carinho; um mimo para com aqueles com quem não se convivia diariamente. Guilherme morava em Teresópolis com seus pais e periodicamente visitava sua avó no Rio de Janeiro. Ela já faleceu e a saudade do entrevistado remete à comida que ela preparava nos dias de visita, só porque sabia que ele gostava.

“Ahhh... (lembrança especial da) **berinjela de forno que a minha avó sempre fazia. Muito gostosa!... Ficava uma delícia! Ela sempre fazia isso; eu adorava.** Ela fazia na casa dela, na Tijuca... a gente morava em Teresópolis... **nós íamos à casa da minha avó, uma vez por mês, eu acho (r).** Não tinha uma frequência certa, não... **mas ela sempre fazia isso que ela sabia que a gente... que eu, particularmente, gostava muito (s)**”.

Outra característica presente é o tempo de preparo da comida que a avó fazia. Os entrevistados citam pratos elaborados que demandam um tempo razoável em seu preparo **(t)**. Quando não era pelo prato, era ao menos pelo fato de que era ela quem cozinhava para toda família **(u)**. A família de Roberta era grande e, como que num ritual semanal, aos domingos todos se reuniam na casa da sua avó para um almoço que durava o dia inteiro. Segundo ela, quem preparava pratos variados para todos, era a sua avó.

“A minha avó... Ela que fazia **(u)**... **Vatapá, Feijoada, Rabada, Peixe com Molho de Leite de Côco (t)**... **fazia comidas maravilhosas!** Desde que eu nasci **eu ia todo domingo** pra lá. Até 20 anos... depois foi diminuindo porque a família foi ficando muito grande. Minha avó foi criada em um convento e ela era responsável pela cozinha do convento. **Então ela cozinhava muito bem e só sabia cozinhar em grandes quantidades (t)**”.

P₆ - As refeições eventuais na casa da avó podem contribuir para a formação de um sentimento nostálgico.

4.1.4.

A Primeira Família Como Referência do que é Correto.

Esta sub-divisão trata de um aspecto que, embora não seja predominante na pesquisa, complementa o estudo, no sentido de entender como os entrevistados percebem alguns hábitos aprendidos em casa e como os comparam com a forma como as pessoas se alimentam hoje em dia.

Quando os entrevistados falam de um hábito alimentar que consideram correto, referem-se à práticas de sua família original (v), sugerindo que as práticas do passado eram melhores. Roberta fala do cuidado de sua mãe com os alimentos, o que dá à entrevistada a idéia de que as comidas feitas fora de casa têm qualidade inferior.

Em sua entrevista mostra-se desfavorável a freqüentar restaurantes que servem comida por quilo, pois entende que, exposta e aquecida por tanto tempo, a comida não deve ser saudável, servindo somente “para engordar as pessoas”.

“Boa e nutritiva (a comida que comia na casa da mãe). Às vezes eu vou num restaurante e penso “isso aqui só vai servir pra engordar”... na minha casa tudo era feito na hora (v). Não tinha negócio de ‘comida de anteontem e refazia’ (v). E mamãe tem o cuidado de como corta o legume pra não perder muita vitamina”.

Guilherme quando falou sobre como gostaria que seu filho de 4 anos se alimentasse no futuro, também lembrou de uma prática de sua família original (MINTZ, 2001). O ensinamento da família, comparado com as práticas atuais percebidas por ele, é melhor e está associado à comida. É nostálgica a sua percepção de que a referência familiar é importante para garantir bons hábitos no futuro.

“Eu gostaria que ele (o filho) gostasse de comer todos os alimentos, isso pra mim é essencial... que ele não tivesse uma cultura do desperdício, coisa que nunca teve na minha casa, na minha casa nunca se aceitou deixar comida no prato (v). ‘Coma pouco, peça pouco, mas você não tem que deixar comida no prato’ (v).

P₇ _ O efeito da nostalgia transforma as lembranças dos hábitos aprendidos em casa em referência do que é correto.

4.2.

A Importância das Pessoas e do Contexto em Torno da Comida

**“Quando eu era mais novo, eu era mais feliz que hoje”
(Holbrook, 1993)**

Falar de momentos nostálgicos relacionados à comida possibilitou aos entrevistados uma viagem no tempo e ganham destaque, além da própria comida, as pessoas e o contexto em que tais momentos ocorrem **(a)**.

A descrição do episódio é detalhada **(b)** como se o respondente, através dos detalhes, pintasse um quadro retratando seu passado. Observa-se que a nostalgia em relação a tempos que não voltam mais **(c)** (porque os tempos mudaram, porque suas vidas mudaram, porque muitas das pessoas citadas já faleceram, etc.) serve de estímulo aos entrevistados em seus relatos.

Guilherme foi um dos entrevistados que mais se mostrou nostálgico. Havia muitas mulheres em sua família; mulheres que cozinhavam e, portanto, que apareceram em suas lembranças em muitos momentos.

“E aí vinha umas recordações muito de Natal, minha tia uma salada russa... e ela sempre fazia. Mas aí eu acho que não é nem tanto pelo prato em si, mas pela pessoa (a)... a minha madrinha que fazia isso no Natal e ela sempre dizia “a salada russa é minha”. Não é nem pela vontade de comer aquela salada, mas de todo o contexto que está por trás (a)... minha madrinha já morreu e minha avó também (c).”

Jovanca, 31 anos, é casada e tem 3 filhos. Lembrou-se com saudade de Natais passados, quando seus filhos eram bem pequenos. Em seu discurso ganha importância o cenário criado **(d)** para envolver as pessoas, principalmente as crianças, na festa de Natal. Este é um movimento que torna o evento marcante para quem dele participa. Mais uma vez, a fala da entrevistada é detalhada para dar forma ao momento de que fala.

“Os Natais na minha casa são muito bons... com direito a Papai Noel, a família toda reunida, a entrega dos presentes à meia-noite, a oração em volta da ceia (b)... o Natal na minha casa é sinônimo de felicidade. Ninguém chora porque morreu alguém na família ou porque está com saudade de alguém. Curte mesmo... a gente sempre contrata um Papai Noel pra entregar os presentes pras crianças (d)... (sempre foi assim?) só depois que meus filhos nasceram”.

Outra entrevistada que conta em detalhes o que desperta sua nostalgia é Domingas. Seus pais moravam próximo à praia e a dieta era predominantemente

peixe. Em seu relato prevalece a questão da interação com a natureza, revelando um cenário e um modo de viver bem diferente de onde mora e de como vive hoje, em Niterói **(e)**. Mais uma vez, a sensação de não poder reproduzir o momento, suscita a nostalgia.

“Tinha normalmente (peixe em casa)... eles traziam os Caçonetes pequenos da praia, aí vinha meu pai, meu avô meus tios, diziam “olha... hoje a maré é de lua! Hoje tem muito peixe!” Então cada um descia com sua tarrafa e quando era de manhã, a gente já encontrava um bocado de peixe em casa **(e)**. Aí era só tratar de distribuir também para a vizinhança toda, que era toda de parentes”.

“Ah! (Comida que) marcou... era um bolo de aipim, que eu nunca mais comi na vida um bolo de aipim igual àquele. Feito de maneira artesanal **(e)**... Lá em casa tinha muito aipim... eu vi elas fazendo esse bolo... e ficava, assim, gostosíssimo! Assim, o aipim, o côco ralado, a manteiga... tem que ser com manteiga... mas era feito num caldeirão de ferro... ficava sobre a brasas de carvão e a gente botava a massa do bolo numa forma, botava dentro daquele caldeira, cobria o caldeirão com uma tampa e depois botava outras brasas por cima do caldeirão... cozimento tipo coisa de índio” **(e)**.

Pedro, 51 anos, reforça a importância do cenário. Diferente do relato de Jovanca, ele fala dos lugares em que os eventos acontecem e pontua que se trata de uma associação importante (evento/lugar) em que este lugar **(f)**, em especial, contribui para que a experiência vivida se torne especial e seja lembrada de forma positiva no futuro.

“Olha só, eu acho que a comida me traz boas lembranças, o lugar ajuda demais, né? Então tem comidas que eu associo a alguns lugares... tem comidas que eu comi na Alemanha inesquecíveis. ‘Ah, é porque foi na Alemanha?’ É. Porque é a comida que só aquele pessoal lá poderia fazer **(f)**, então é um momento maravilhoso. Como tem coisas que eu como aqui, que eu não comeria em outro lugar **(f)**”.

“Eu não sei como era aquele momento sem ter o Genial. Não sei como é que era sair da faculdade, numa sexta-feira com os amigos, e não comer o Anjo do Gomes **(f)** era uma coisa super sadia, que não fazia mal... me recuperava pro dia seguinte.”

O cenário é, portanto, importante. Ele ajuda a compor a cena refletida na memória do entrevistado (MACIEL, 2000). Por vezes, a reprodução do cenário ajuda as pessoas a reviver momentos importantes **(g)**. Também são de Pedro, os relatos que exemplificam este ponto. Ele faz referência às décadas de 70 e 80, quando tinha entre 15 e 25 anos. A fase da vida em que o evento acontece

deixa marcas que podem ter influência no comportamento das pessoas para o resto de suas vidas (HOLBROOK e SCHINDLER, 1989).

“Nos anos 70 pra 80, existia um restaurante tradicional que era o ‘Lamas’; ficava ao lado do Cinema São Luis. Com a obra do metrô... o Lamas mudou pra Marquês de Abranches mas mudou com as características originais (g). Então, de vez em quando, eu me permito ir lá à noite pra tomar uma canja. Porque era uma coisa que eu fazia muito tempo”.

“Eu sinto falta da minha época de faculdade (item 4.4) que eu saía na Praça XV e ia comer Angu do Gomes, que era maravilhoso. Depois de muitos anos meu pai descobriu que o Angu do Gomes tinha um restaurante; eu fui pra lá com ele(g).”

“Não sei como é que era sair da faculdade (item 4.4), numa sexta-feira com os amigos, e não comer o Angu do Gomes (g)”.

A questão do aprendizado na cozinha aparece pouco na pesquisa e o tom do entrevistado quando fala da saudade que sente, sugere estar associado à pessoa, mais do que ao aprendizado em si (**h**). É assim na fala de Maria, quando se lembra dos ensinamentos de sua avó.

“Ah...acho que passa muito por causa dela (h). Por exemplo, eu aprendi a cozinhar com ela. Minha avó gostava muito de cozinhar; minha mãe não. Até hoje. Então, na minha adolescência (item 4.4) quem cozinava era eu. Até eu começar a trabalhar (item 4.4), aí já era diferente”.

P₈ - O relato detalhado de um momento nostálgico ajuda as pessoas a reviver o evento em questão.

P₉ - Momentos de compartilhamento entre as pessoas acentuam a nostalgia em relação à comida.

P₁₀ - O cenário em que o momento acontece, contribui para a nostalgia em relação à comida.

P₁₁ - As pessoas envolvidas no momento relatado, contribuem para a nostalgia em relação à comida.

4.3. Comidas que Juntam as Pessoas

**“Ontem, todos os meus problemas pareciam tão distantes”
(Holbrook, 1993)**

O contexto e as pessoas sugerem ser tão importantes quanto a comida, nesta pesquisa. Esta classificação reúne os principais elementos identificados neste estudo, que caracterizam a nostalgia relacionada à comida: a família, os amigos, os pratos e as datas importantes (MACIEL, 2001; REINCHEMBACH, 2004).

Sente-se saudade de momentos em que as pessoas destinavam um tempo para desfrutar dos prazeres de comer e de estar com quem se gosta. É desta forma, positiva, que as lembranças vêm à tona.

O pensamento central é de que a comida junta as pessoas; muitas pessoas. Os vizinhos e os amigos, além da família, ajudam a compor o cenário. A mesa é o objeto que simbolicamente liga a comida, as pessoas e o contexto.

Embora, as datas festivas não constem do escopo de investigação deste trabalho, espontaneamente as respostas apontam para o dia de domingo e o Natal como representativos de momentos destinados a juntar as pessoas em torno da comida. Importante dizer que este aspecto necessita de uma investigação mais aprofundada, uma vez que pode refletir meramente uma cultura específica da população entrevistada.

4.3.1. As Refeições Feitas à Mesa

A mesa aparece nas respostas como um objeto indispensável à união das pessoas em torno da comida **(a)**. Sentar-se à mesa com a família e amigos sugere ter sido um hábito recorrente na vida dos respondentes, que não dispensaram a inserção deste objeto em seus relatos. As pessoas têm saudade da ligação que, comer em torno da mesa, as mantinha juntas. A mesa representa esta proximidade.

“Todo mundo ia pra lá, todo mundo comia na mesa **(a)**. 20, 30 pessoas”.
(Murilo, 41 anos)

“Todos comiam sentados à mesa... mas todo mundo, às 11 da manhã, tinha que estar à mesa (a) porque meu pai chegava da fábrica”. (Cristine, 42 anos)

“Eu comia com meu irmão, à mesa. Lá em casa sempre as refeições foram feitas à mesa (a) ”.(Guilherme, 31 anos)

“Assim, de tarde, tinha aquele café com pão... sentava todo mundo à mesa, aquele bocado de neto, aí era o nosso lanche (a)”. (Domingas, 66 anos)

P₁₁ – A mesa é um símbolo representativo de momentos nostálgicos.

4.3.2.

Comida: Protagonista e Coadjuvante

A posição em que um prato ou que uma refeição aparece no discurso dos entrevistados, coloca a comida em evidência ou não, sendo ela por vezes protagonista ou coadjuvante. Tal fato não intensifica ou atenua a saudade que se sente, no entanto, esclarece um pouco mais sobre como a comida, as pessoas e o contexto ganham destaque em suas lembranças nostálgicas.

O relato de Domingas descreve momentos felizes em que ela cozinhava pratos típicos de sua terra para os amigos do marido. Até os grupos de estudo do marido que aconteciam em sua casa, transformavam-se em eventos especiais em função da comida. É ela, a protagonista da história (b).

“Os amigos de meu marido iam lá pra comer as comidas que eu fazia (b). Quantas vezes vinham colegas de faculdade de Benedito (o marido) pra cá, pra almoçar ou pra jantar... A gente é Maranhense; geralmente queriam comer uma coisa da região... o famoso Arroz de Cuchá, aquela tortinha de camarão com batata; um Vatapá, um peixe ao forno... eram pessoas do trabalho aqui (Niterói) e lá (São Luis), eram pessoas amigas, da faculdade dele”.

Uma refeição pode significar um encontro planejado para reencontrar pessoas (c) que não se vêem mais com frequência, mas que o faziam no passado. Para Roberta, a comida contribui para uni-la a suas irmãs, todas casadas e vivendo com suas novas famílias. Neste caso, a comida serve de coadjuvante para que as pessoas e o contexto se sobressaiam na descrição do momento de “matar a saudade” (d).

“Eu vejo (a comida) como um agregador (c)... como um ritual social”.

“... sempre que tem oportunidade, eu, Renata e Raquel (as irmãs) a gente se reúne pra almoçar (d).

A nostalgia de Roberta diz respeito aos momentos em que estes encontros aconteciam com frequência (e). Os trechos a seguir descrevem encontros de família, aos domingos, na casa da avó:

“Eu acho que era (saudade da) comida, mas acho também que era o ‘estar junto’ (e)...Todo mundo chegava lá meio-dia; até as cinco, todo mundo ficava lá conversando, comendo tira-gosto... as crianças junto...” (Roberta, 33 anos)

“(Saudade da macarronada da avó?) Claro. E dos pastéis também. Era mais a união (e). A avó tinha setenta e poucos anos... Você tinha liberdade dentro da casa dela... as pessoas chegavam, se sentiam super bem.” (Murilo, 41 anos)

P₁₂ - Existem momentos nostálgicos em que o aspecto mais importante é a comida.

P₁₃ - Existem momentos nostálgicos em relação à comida em que o aspecto mais importante é o contexto.

P₁₄ - Existem momentos nostálgicos em relação à comida em que o aspecto mais importante são as pessoas.

4.3.3.

O Domingo: Dia de Reunir-se com a Família

Se a mesa é o objeto que simboliza a idéia de juntar as pessoas em torno da comida, os domingos (ou os fins-de-semana) (**f**) são os dias da semana em que as pessoas entrevistadas colocavam-se à disposição, umas das outras, para que os encontros acontecessem (REINCHEMBACH, 2004).

Este dado não influencia diretamente a nostalgia dos entrevistados. Não é do dia de domingo em especial, que as pessoas sentem saudade. No entanto, em função da importância que o contexto ganhou neste estudo, este dia da semana serve de “pano de fundo” para muito dos eventos descritos.

“Isso é da minha avó... lá, todos os domingos tinha um almoço (**f**), com a família inteira... e todos comiam juntos... Nossa, adorava!... só parou de fazer isso porque minha avó e meu avô ficaram muito velhos”. (Roberta, 33 anos)

“Era comida de domingo (**f**), de sábado, entendeu?”. (Guilherme, 31 anos)

“Lá em casa, meus irmãos que são casados... todo domingo (**f**) a gente tinha o hábito de se reunir, era uma festa!” (Joaquim, 43 anos)

“Depois que a avó chegou a falecer, não tem essa freqüência tanto. Era todo domingo (**f**) na casa da minha avó. Era próximo à nossa casa... é uma rua onde praticamente toda família mora”. (Murilo, 41 anos)

P₁₅ _Compromissos familiares em dias específicos podem propiciar momentos nostálgicos.

4.3.4. Os Pratos que Marcaram o Natal

Não houve nesta pesquisa nenhum direcionamento no sentido de identificar datas festivas em especial. Relatos espontâneos destacam o Natal como a data que remete os entrevistados às lembranças positivas do passado (g), associadas à comida. E ela é a protagonista neste evento.

“Ah! O Natal! Nossa ceia de natal era tudo de bom! O que era mais tradicional era mamãe fazer vários assados, mas não pode faltar o arroz de forno. O arroz de forno dela é maravilhoso!” (Cristine, 42 anos)

“E aí vinha umas recordações muito de Natal, minha tia fazia uma salada russa... fazia aquela salada toda especial”. (Guilherme, 31 anos)

“(Tenho saudade de) bacalhau. Geralmente eu como bacalhau no final do ano... me deixa com saudade do Natal (g)”. (Jovanca, 31 anos)

P₁₆ - As comidas de eventos importantes podem contribuir para a formação de momentos nostálgicos.

4.4. Efeito Idade e Efeito Coorte

**“As coisas costumavam ser melhores nos bons e velhos tempos”
(Holbrook, 1993)**

A pesquisa revela um efeito idade, relativo aos pratos comidos na infância, e um efeito coorte, relativo aos pratos comidos no início da vida adulta. Os relatos são marcados pelo prazer e satisfação relacionados aos momentos descritos e a situações de aprendizado, caracterizadas pela alteração de pratos consumidos (HOLBROOK E SCHINDLER, 1982).

O efeito idade da infância está ligado à vivência em casa e à presença da família; em especial, das figuras femininas. O coorte do início da vida adulta é marcado por alterações de comportamento, decorrentes do primeiro emprego e do casamento; momentos de construção de uma nova fase da vida.

4.4.1. Efeito idade: Infância

As classificações contidas neste estudo são ilustradas por trechos de entrevista que dizem respeito, predominantemente, a relatos dos momentos ocorridos na infância e início da adolescência dos entrevistados. Nesta subdivisão, além dos relatos, há o registro da idade dos entrevistados no momento em que o evento aconteceu **(a)**.

“A minha referência era a avó, até os 13 anos... ela morreu quando eu tinha 13 anos **(a)**”. (Maria, 50 anos)

“(Sinto saudade de) comida nortista em geral. Eu lembro da minha infância **(a)**, quando meu pai fazia aquelas reuniões com a família todo fim de semana... minha casa era um sítio, minha infância foi bem rica em relação a este tipo de coisa (comida)”. (Joaquim, 43 anos)

Trata-se de um efeito idade decorrente de uma fase de transição da vida (HAVLENA e HOLAK, 1991; RENTZ e REYNOLDS, 1991). As manifestações nostálgicas observadas nos relatos da infância dos entrevistados sinalizam a forte presença da família **(b)** e a vivência dentro de casa, além da marca deixada pelo aprendizado **(c)** nesta etapa da vida (MINTZ, 2001).

“Pra eu comer feijão, minha mãe tinha que fazer bolinha **(b)**. Então, ela fazia arroz, colocava farofa e feijão e fazia umas bolinhas, tipo brigadeiro pra eu poder comer o feijão **(c)**... É uma lembrança de felicidade, achava engraçado a forma que ela viu pra eu comer feijão, era fazendo bolinha... eu tinha 4 anos”. (Jovanca, 31 anos)

“(Aprendi a comer a) salada antes da comida... eu comia tudo misturado. Fazia até trouxinha de alface! Minha mãe me ensinou **(c)**. Eu era muito pequenininha, devia ter uns 8 ou 7 anos... pegava a comida, colocava na folha de alface, fazia um trouxinha e comia (risos)”. (Cristine, 42 anos)

Não há necessariamente uma comparação com o presente, mas é notória a sensação de felicidade e de prazer **(d)** dos entrevistados no relato de suas experiências passadas.

“...mas ela sempre fazia isso que ela sabia que a gente... que eu, particularmente, gostava muito **(d)**. Eu acho que uma recordação de prato seria essa (a berinjela preparada pela avó). Eu tinha uns 12 anos; adolescência...”. (Guilherme, 31 anos)

“Eu tinha uns 13, 14 anos, adolescente. Até hoje a família continua unida, mas não tão unida... a macarronada que unia a galera. ‘A macarronada lá na casa da bisavó!’, todo domingo era de lei **(d)**”. (Murilo, 41 anos)

“Se eram bons tempos? Eram sim (d). Hoje eu me lembro da minha infância como uma grande infância. (Domingas, 66 anos)

“Um pernilhão assado maravilhoso, que a minha mãe cozinhava bem demais... está associado à minha família, às festas, às reuniões (d)... eu estava na fase de criança e foi até a fase de pré-adolescência... 10, 11 anos.” (Joaquim, 43 anos)

4.4.1.1.

A Obrigação de Comer na Infância

A lembrança positiva da infância não impede que os entrevistados reconheçam que o fato de não poderem escolher sua comida não era agradável (e). A obrigação de comer na infância é marcada pelas determinações da mãe com relação à dieta da família (REINCHEMBACH, 2004).

“Põe na mesa e se tu não come, tua mãe te dá esporro (e), te põe de castigo... tu tinha que comer até coisa que tu não gostava. Eu tinha que encarar beterraba. Graças a Deus! Me livrei disso. Jiló eu não comia nem a porrada; preferia ficar de castigo”. (Pedro, 51 anos)

“O que botava na mesa, a gente comia. Não tinha essa história”. (Domingas, 66 anos)

“Eu era obrigada a provar tudo. Então não tinha muita escolha de não gostar ‘Não quero, não gosto’; não tem isso... mamãe não dava muita abertura pra gente ser criança fresca, não”. (Roberta, 33 anos)

A nostalgia faz com que as pessoas sublimem passagens nem sempre agradáveis, como que num movimento de distorção da lembrança (UNGER, CONOCHA e FAIER, 1991). O relato de Cristine, na íntegra, sobre a obrigação de comer na infância mostra como isto se dá. Uma experiência desagradável do passado é contada hoje em tom de graça e não impede que a entrevistada se lembresse de outros momentos prazerosos, de mesma natureza.

“Inclusive se eu não gostava da comida, não tinha a opção de dizer que não queria, tinha que comer. Era obrigatório. Lembro uma vez que mamãe colocou, arroz, feijão, um refogadinho de cenoura com ovo e eu não gostava de ovo, muito menos combinado com cenoura... e aí eu falei que não queria comer aquilo e aí ela falou que ‘tudo bem’. Se eu não quisesse comer no almoço, que eu podia então não comer. Eu fiquei surpresa porque mamãe não era disso, ela era de obrigar você a comer, mas, enfim, ela disse que eu podia escolher... aí eu perguntei: ‘mas eu vou comer o

quê?', ela disse: 'nada. Porque para o almoço eu só tenho isso para servir. Eu só fiz isso, se você não comer isso, não vai comer nada'. Aí eu falei para ela que eu não ia comer nada porque aquilo me causava ânsia de vômito. Aí no café da tarde, minha mãe não colocou café para mim porque ela disse que meu prato estava no forno. No jantar, quando eu sentei para comer, ela pegou o prato do almoço que estava no forno, frio e colocou pra eu comer. Eu comi tudo (risos)".

P₁₇ – As lembranças positivas prevalecem nos eventos nostálgicos da infância.

4.4.2.

Efeito Coorte: Início da Vida Adulta

O início da vida adulta é marcado por eventos de transição que influenciam o comportamento das pessoas para o resto de suas vida (HOLBROOK e SCHINDLER, 1989). São comuns nesta fase, os efeitos de coortes como o do primeiro emprego (**f**) e do casamento (**g**), sendo, os dois, predominantes nas respostas colhidas nesta pesquisa.

“Eu é que quando me tornei adulta, aí é que eu comecei a puxar mais (pela salada). Eu comecei a comer salada quando eu comecei a trabalhar (f); eu tinha 19 anos. (Maria, 50 anos)

“...eu comecei a comer muita fruta quando eu comecei a trabalhar (**f**) e mais quando eu me casei (**g**)... com 20 anos (comecei a trabalhar)”. (Roberta, 33 anos)

Nota-se que, ao contrário das manifestações nostálgicas descritas nos momentos da infância, os relatos relativos ao início da vida adulta refletem experiências vividas fora de casa (**h**). Também a interação com outras pessoas fora do ceio familiar se faz notar (**i**).

“Eu comecei a ter essa preocupação (com as vitaminas) quando eu comecei a fazer ginástica (h)... era no meu 2º ano no 2º grau... eu tinha uns 16,17 anos... meu namorado na época fazia Nutrição (i). Aí, tudo que ele aprendia, ele passava pra mim... aí eu tive vontade de fazer Nutrição. Era (uma época) boa... eu saía muito, eu namorava muito, eu queria ficar bonita pra chamar a atenção, pra ficar saudável”. (Roberta, 33 anos)

Mais uma vez, a frequência com que os pratos aparecem nas respostas não está em questão nesta pesquisa. No entanto, pode-se supor que a comida

relacionada ao início da vida adulta tenha influência no consumo das pessoas para o resto de suas vidas (HOLBROOK e SCHINDLER, 1989).

Os trechos da entrevista de Domingas, destacados abaixo, corroboram a definição de nostalgia de Holbrook e Schindler (1991), revelando uma ligação positiva **(j)** em relação a pessoas e objetos populares **(l)** quando o indivíduo era mais jovem **(m)**.

“(Adquiri o hábito de) tomar vinho com meu marido também, que era um grande apreciador de vinho. Foi com ele que eu aprendi **(l)**... aliás, o nosso crescimento **(j)**, em termos de conhecimento de vinho... nós fomos crescendo juntos **(j)**... ele já gostava, quando nós nos conhecemos... eu tinha uns 22 anos... depois que nós casamos, freqüentemente nós almoçávamos tomando vinho. Aqueles vinhos baratos e suaves,... Piagentini. Só que o Piagentini era numas garrafinhas tão bem apresentadas, tão bonitinhas que a gente achava que era um outro vinho... depois a gente foi conhecendo... hoje em dia eu sou uma *expert* em vinho (risos)... Com 22 anos eu me casei **(m)**, aí tinha filho, eu trabalhava, ia pra faculdade, eu criava filhos...”

“Não... não era a comida o motivo... era o encontro (dos amigos do marido em casa) e aí tinha a comida, a cerveja, o vinho, os discos, a bossa nova **(l)**, que a gente escutava bastante... eu tinha entre 22 e 30 anos **(m)**”.

“...Era uma época de começo de vida **(j)**, uma época em que meus filhos eram pequenos, uma época que meu marido voltou a estudar e se formou. Era uma época muito legal **(j)**... começo de vida, a gente mais jovem **(m)**... e lutando pela vida”**(j)**.

P₁₈ – Os pratos comidos no início da vida adulta de um pessoa, podem contribuir para a formação de momentos nostálgicos.

P₁₉ – Os hábitos alimentares adquiridos no início da vida adulta permanecerão para o resto da vida do indivíduo.

P₂₀ – Nos eventos nostálgicos relacionados ao início da vida adulta de uma pessoa, predominam as experiências vividas fora de casa.

P₂₁ – Os eventos nostálgicos relacionados ao início da vida adulta, refletem experiências vividas junto a pessoas fora do ceio familiar.

4.5. As Mudanças Impostas pela Vida Moderna

“Os produtos estão ficando cada vez piores”

“Tenho que admitir que isto está ficando melhor a cada dia” (reverso)

“Eu acredito no progresso contínuo (reverso)”

(Holbrook, 1993)

O passado descrito pelos entrevistados revela uma nostalgia ligada a momentos em que o tempo disponibilizado no preparo da comida, dava a ela um tom especial. Os momentos em que as avós ou as mães preparavam as comidas, o que demandava tempo e afeto, característicos de quem se importa com o que vai servir aos outros.

As mudanças tecnológicas sofridas nas últimas décadas impuseram às pessoas um novo jeito de viver, deixando marcas também na alimentação; tanto no que diz respeito ao preparo dos alimentos quanto na diversidade de produtos oferecidos ao consumidor (MINTZ, 2001).

A sensação de que “não se tem mais tempo para nada”, fez com surgissem alternativas que atendessem à necessidade do consumidor de se alimentar rapidamente e, assim, “sobrar tempo” para se envolver com outras questões.

Em suas respostas, os entrevistados levam em consideração a variedade de produtos disponível no mercado e os aspectos relativos à introdução de tecnologia. Em relação à comida, a pesquisa sinaliza que a palavra de ordem é praticidade.

4.5.1. A Praticidade Exigida pela Vida Moderna

A aceleração à qual a vida das pessoas foi submetida é traduzida nas respostas dos entrevistados num tom de entendimento de que foi preciso adequar-se aos novos tempos, mas também numa sensação de perda de qualidade em relação à comida e aos hábitos alimentares do passado.

As pessoas alteraram suas dietas, se comparado ao tempo em que suas mães preparavam a comida, encontrando nas comidas práticas **(a)**, mas nem sempre percebidas como saudáveis **(b)**, uma alternativa para se adaptarem aos novos tempos.

“As pessoas têm que comer no trabalho, então você tem que fazer uma comida que é mais prática (a) para você levar no dia seguinte... tem gente que trabalha o dia inteiro na rua, tem que comer qualquer coisa (b)... eu não acho que as pessoas estão melhorando a qualidade, não (b)... as pessoas têm preguiça (a) de fazer... Não é mais fácil (a) colocar uns nuggets no forno?”. (Guilherme, 31 anos)

“A gente não tem a preocupação de balancear a comida. ...a gente come na rua, correndo (a); a qualidade da comida deixa muito a desejar (b) ou é muito gordurosa... então, realmente a gente se alimenta muito mal (b)... porque hoje, você tem a alimentação rápida (a), você não tem tempo pra parar e se alimentar... Enfim, esses são os ônus da nova sociedade”. (Maria, 50 anos)

Sente-se saudade não só dos eventos pessoais como de um “jeito de melhor se viver” (c), que teria se perdido nas últimas décadas. Segundo Unger, Conocha e Faier (1991), há uma nostalgia coletiva que envolve sentimentos positivos referentes a imagens relacionadas a tempos socialmente ou coletivamente percebidos como de valor.

“Hoje em dia a maioria das coisas são comidas rápidas. Você compra congelado e aí, que você joga no micro-ondas. No futuro isso vai ser muito mais forte, porque o pessoal tá com falta de tempo... falta sabe o quê? Reunião em família (c)... hoje uma televisão ta sendo mais importante (c). O que eu tava comentando com minha esposa... é que eu vou fazer uma mesa bem grande pra obrigar todos eles sentarem na mesa pra almoçar. Um almoça na sala, outro almoça no quarto... então, você não tem aquela união (c)”. (Murilo, 41 anos)

O trecho a seguir, chama a atenção para o reflexo deste novo jeito de viver na oferta de produtos, indo além da busca por atender à necessidade dos consumidores de praticidade na alimentação. Nota-se um movimento de também tornar prático, o preparo de comidas mais elaboradas, que em casa normalmente demandariam um tempo maior em seu preparo, numa tentativa de “regatar as comidas que eram feitas nas casas”.

“... Porque você tinha condição de ter uma empregada, ou tua mãe era dona do lar e hoje essa figura ta cada vez mais no mercado de trabalho. O marido também não tem tempo de fazer isso; Então o que eu vejo é uma tentativa da indústria de resgatar produtos, comidas que eram feitas nas casas, de maneira industrializada”. (Pedro, 51 anos)

P₂₂ - As comidas caseiras podem contribuir para formação de momentos nostálgicos.

P₂₃ – Existem comidas industrializadas que podem anular o efeito da nostalgia.

4.5.2.

A Variedade de Opções Disponíveis no Mercado

O aumento da concorrência de mercado nas últimas décadas teve como consequência a oferta maior de produtos, a preços cada vez mais competitivos. Tal fato permitiu ao consumidor maior acesso a produtos selecionados.

Esta sub-divisão revela um sentimento nostálgico reverso contemplado no “Índice Nostálgico”, sugerido por Holbrook (1993). A variedade oferecida pelo mercado **(d)** é percebida positivamente pelos entrevistados e o fato de poderem adquirir produtos para os quais a questão financeira seria um limitador no passado, soa como uma “comprovação” de que houve melhoria financeira **(e)** ao longo do tempo.

“O poder aquisitivo da minha família melhorou muito em relação à minha infância e adolescência **(e)**... Na época, a gente tomava no Natal vinho ‘Astronalta’ (risos), a gente já pode beber um vinho de boa qualidade... a gente tem mais opção **(d)**, tem mais ofertas **(d)** no mercado... você tem mais opção de compra.” (Cristine, 42 anos)

“Acho que hoje a comida está muito em voga... Eu acho que hoje em dia existe um espectro muito maior de comida **(d)**, né?... Há uma preocupação maior com alimentos dietéticos, uma opção infinita de coisas **(d)** ligh... não tinha isso trinta anos atrás. Os diabéticos hoje encontram uma quantidade enorme de produtos diet... há trinta anos isso não existia **(d)**”. (Guilherme, 31 anos)

“O adoçante para mim, já está na veia. Foi uma mudança boa **(d)**, né? Trinta anos atrás meus pais não tinha essa opção, era só açúcar para adoçar qualquer coisa.” (Guilherme, 31 anos)

P₂₄ – A nostalgia em relação à variedade de produtos oferecida pelo mercado no passado não é significativa.

4.5.2.1.

O Avanço Tecnológico na Comida

Neste estudo, as lembranças relativas aos efeitos idade e coorte, descritas no item 4.4, citam comidas que demandam tempo em sua elaboração. A julgar

pela significativa alteração de produtos oferecidos pelo mercado, pode-se supor que coortes semelhantes das gerações futuras deverão consumir outros tipos de produtos, em especial, práticos em seu preparo.

O olhar dos entrevistados não está alheio ao avanço tecnológico **(f)** em relação à comida. A percepção de que a questão da praticidade prevalecerá no futuro aponta para uma mudança no perfil dos produtos **(g)** que serão lembrados de forma nostálgica pelas próximas gerações.

“Se você for pensar bem, por que o Miojo faz tanto sucesso **(g)**? Por que o Miojo é uma delícia? Primeiramente porque ele é prático **(f)**, em quatro minutos, seis minutos, ele tá pronto... a pipoca do micro-ondas é a mesma coisa **(g)**; você não precisa mais ter que pegar uma panela, botar óleo, deixar a pipoca ali, naquele tempo, mexer, não deixar ela queimar... em 1 ou 2 minutos, a pipoca está pronta **(f)**”. (Guilherme, 31 anos)

“Acho que vai ser tudo congelado (no futuro) **(f)**. Tudo mesmo... hoje em dia não tem mais aquele conceito de ‘só o homem trabalha fora’, a mulher trabalha fora, os filhos estudam, ficam o dia todo fora, então eu acho que o conceito pro futuro é a comida congelada reinar **(g)**”. (Jovanca, 31 anos)

“Cada vez mais as gerações vão ter comidas cada vez mais semi-prontas ou prontas **(f)**, ou até que elas tenham uma conotação diferente de fast food... Antigamente tinha muito só os empanados e hoje você tem uma série de coisas hoje que tenta resgatar a comida que era feita em casa... Então o que eu vejo é uma tentativa da indústria de resgatar produtos **(g)**, comidas que eram feitas nas casas, de maneira industrializada”. (Pedro, 51 anos)

P₂₅ - As comidas de preparo rápido não despertam nostalgia se comparado às comidas preparadas em casa.

4.5.3. Hábitos Perdidos ao Longo da Vida

O café da manhã aparece como a refeição que, para os entrevistados, se perdeu ao longo do tempo. As pessoas se reuniam e comiam por prazer; daí o sentimento nostálgico (MINTZ, 2001).

Embora a padaria tenha se tornado uma das alternativas para esta refeição, é a perda do hábito de tomar café em casa que é descrita com certo pesar **(h)**. A questão do tempo aparece novamente, agora, no sentido de que não ter preocupação com o tempo permitia que as pessoas se alimentassem melhor e desfrutassem mais do momento e da comida no passado.

“As pessoas comem cada vez pior. Não se faz o café da manhã, ou seja, está todo mundo já atrasado... eu sinto muita falta do tempo em que eu tomava café (h). Muita, muita falta”. (Guilherme,31 anos)

“(Sinto falta de) tomar café da manhã com a família (h). Hoje em dia o cara corre a semana inteira. Antigamente não; pô, era sentar à mesa, ter a mesa posta... Mas eu adorava... o pessoal acordava, eu botava a mesa, tinha café, tinha suco, bolo, mesmo esses bolos prontos, bolo suíço, torradinha, pão fresco, presunto, queijo, mortadela, salaminho, geléias... se dar o direito de saborear as coisas por prazer (h)”. (Pedro, 51 anos)

Embora não seja o objetivo deste estudo identificar os pratos que ficaram na memória dos entrevistados, o relato de Guilherme fala da perda do hábito de se ter sempre um bolo em casa para receber as pessoas e mantê-las próximas (vide item 4.3).

“Sabe uma coisa que eu acho que tinha um hábito nas casas hoje em dia não se faz, principalmente nos sábados? Bolo. Essa uma coisa que era um hábito. Você chagava na casa das pessoas, sempre tinha um bolinho pra tomar com café (risos)... Na casa dos meus vizinhos... ‘vou fazer um bolo’... ‘ah! Tem um bolo aqui’. Hoje em dia eu não vejo ninguém fazendo isso. ‘Hoje à tarde eu vou fazer um bolo, vou pegar os ingredientes, vou amassar, vou bater, vou botar no forno, vou untar, vou tomar conta do forno...’. As pessoas vão no mercado e compram um, se quiserem bolo. Acho que isso aí se perdeu um pouco. O bolinho me remete à infância e aos sábados de tarde”. (Guilherme, 31 anos)

P₂₆ - O café-da-manhã em família contribui para a formação de um sentimento nostálgico.

4.6. Comer no passado era melhor

“Eles não os fazem mais como costumavam fazer”

(Holbrook, 1993)

Esta classificação sintetiza e suporta a idéia de que “as coisas eram melhores no passado” **(a)**, quando o assunto é comida. As respostas dos entrevistados levam a este pensamento em função de fatores que sugerem uma ligação com as condições impostas pela vida moderna (vide item 4.5).

As mudanças de hábito **(b)**, alimentares ou não, na percepção dos entrevistados, afetaram a qualidade de vida e a qualidade dos produtos **(c)**. A falta de tempo combinada com um novo estilo de alimentação suscitam nostalgia de um tempo em que a praticidade não ditava o ritmo de vida das pessoas.

“Antigamente a gente podia comer até porcaria, mas **(a)** a gente ficava na rua correndo tanto, era brincadeira de elástico **(b)**, amarelinha, que as calorias eram digeridas nas brincadeiras. Hoje em dia você vê, a maioria das crianças são obesas porque elas comem um hambúrguer na frente do computador **(b)**; elas comem a batata frita jogando vídeo game”. (Jovanca, 31 anos)

“...e não era esse pessoal todo com colesterol alto; a garotada toda gorda... **(b)** hoje você olha pras crianças, mesmo novas, é tudo estria; a cintura... já são mais obesas... Porque antigamente a molecada era muito mais enxuta **(a)** e era molecada de arroz, feijão, batata frita, bife ou frango... e tudo no óleo!...” (Pedro, 51 anos)

“Eu acho que (o jeito de comer) antigamente era bem melhor **(a)**, porque os pais faziam com que seus filhos comecem na sobremesa uma fruta, em vez de um Danone” **(c)**. (Jovanca, 31 anos)

“Embora inconscientemente eles (os pais) se alimentassem muito melhor **(a)**. Não existia essa consciência mas a qualidade de vida era infinitamente melhor **(a)**, tanto é que eu vejo, a minha mãe tem 80 anos e ela tem mais saúde do que eu” **(b)**. (Alda, 45 anos)

A reboque do avanço tecnológico e da competitividade acirrada de mercado, que possibilitou o acesso de consumidores a produtos selecionados, surgiram alternativas de alimentos processados quimicamente. Para os entrevistados, estes produtos são percebidos como adequados aos novos tempos, mas não sugerem, necessariamente, ter qualidade nutricional **(d)**. No

passado, “a gente não se alimentava, a gente comia”. Quem tinha informação relativa à nutrição era quem estudava o tema, mesmo assim, para os entrevistados os produtos à disposição do consumidor e a intuição, garantiam a uma alimentação de melhor qualidade. A nostalgia surge em função da idéia de que a comida era mais natural (e), sem agrotóxico, ou cultivada em casa, por exemplo, dando aos entrevistados a sensação de que comer no passado era melhor.

“No passado você não tinha agrotóxico (e) nos seus alimentos, você não tinha tanto conservantes (e). A comida é muito industrializada hoje (d)... São adicionados produtos químicos que acabam tirando a qualidade (d) dos nutrientes”. (Maria, 50 anos)

“Hoje eu me lembro da minha infância como uma grande infância. Porque a gente era muito livre, tinha tudo em casa (e); do limão ao mamão. Na horta a gente tinha até berinjela, tomate, cebolinha... a gente não comprava nada (e). Ia no canteiro e tirava, ia no rio e tomava banho. Era uma delícia! A gente não ouvia falar de crime... a gente não ouvia falar dessas coisas que você ouve hoje em dia”. (Domingas, 66 anos)

“A comida, ela podia ser mais gordurosa mas era feita mais natural (e)...as pessoas de antigamente gostam de fazer tudo natural (e). Tu vê... hoje o tempero moído na hora é totalmente diferente. Café... tinha um pilão de café, ela torrava café e batia no pilão (vó Regina). Todo mundo fazia isso. ... E usava muito forno de lenha... era tipo uma oca... tipo pizzaria”. (Murilo, 41 anos)

P₂₈ – A comida, predominantemente a da infância, reforça a percepção de que o passado era melhor.

P₂₉ – A tecnologia na comida reforça a nostalgia em relação à diminuição da qualidade percebida dos alimentos.

P₃₀ – A comida caseira salienta sentimentos nostálgicos.

4.7. Limitações dos Resultados

Os hábitos e costumes de um grupo são importantes neste tipo de pesquisa e devem ser investigados para o entendimento do que diz respeito efetivamente ao sentimento nostálgico.

Aqui, o hábito de tomar café, o dia de domingo ou as festas de Natal apareceram como característicos da cultura de entrevistados. Tais aspectos podem não corresponder às manifestações nostálgicas de modo geral, o que, em outra região resultaria em respostas diferentes das encontradas aqui.

Sabe-se de pessoas de outras regiões que, no horário tradicional do café-da-manhã dos moradores do Rio de Janeiro, consomem refeições que aqui seriam classificadas como um almoço ou um jantar. Também as festas representativas de cada região podem, mais do que a festa de Natal, despertar um sentimento nostálgico de igual valor.

A limitação das respostas pode ser o limite da cultura da população pesquisada.